

Algumas considerações teóricas sobre o conceito*

ANTONIO P. R. AGATTI**

Partindo de um ponto de vista epistemológico desenvolvido pelo autor (segundo o qual a análise do significado e/ou do conhecimento leva ao protofenômeno da vivência ou do dar-se conta, como os ligados a cores, odores, estados emocionais, etc.), algumas questões ligadas aos conceitos são analisadas:

a) a pergunta: "O que é o conceito?" é uma pseudoquestão, pois é equivalente à seguinte: "Qual é o conceito de conceito?"; b) conceitos sendo definidos mediante outros conceitos, haveria na definição uma *regressio ad infinitum*; c) a aprendizagem não é fundamentalmente uma questão de definições ou conceitos mas de vivências. De outro modo, poderíamos ensinar cores a cegos; d) geralmente antes evocamos vivências do que as comunicamos.

As considerações que se seguem baseiam-se num ponto de vista que estamos desenvolvendo e que apresentamos pela primeira vez no XXII Congresso Internacional de Psicologia realizado em Leipzig em 1980.

Os pontos principais da nossa colocação teórica, basicamente uma oposição epistemológica com implicações diretas na natureza do significado são: a) a base de todo conhecimento, o último, irredutível a mais genuíno elemento do conhecimento é algo do qual apenas nos damos conta, desvinculado de qualquer conexão causal, de qualquer seqüência temporal. É o mero impacto sobre os sentidos, a mera vibração percebida dos órgãos dos sentidos, é um puro dar-se conta, uma pura vivência. Um bebê, por exemplo, tem vivências luminosas, olfativas, cinestésicas, etc., que não são rotuladas nem demonstram vínculo ou seqüencialidade causal ou temporal. Mesmo no adulto, todas as vivências são únicas. O pôr-do-sol de hoje não é o de ontem; a tonalidade de um certo matiz, uma cor nova, uma dor peculiar, odor e uma configuração espacial qualquer são vivências puras e únicas. Esta vivência, em nossa opinião, é o dado original, irredutível e mais genuíno, a partir do qual se podem recolocar problemas complexos como o do conhecimento, o do significado, o das capacidades, entre as quais a inteligência e o que agora queremos abordar, o de conceito; b) a vivência não se desfaz mas continua numa espécie de percepção continuada, que é o *traço de memória*. A admissão deste traço suscita um problema relacionado com a percepção, que não vamos tratar agora, mas que é basicamente o seguinte: quanto, na percepção, é realmente apreendido aqui e agora e quanto é construído e suposto por causa da experiência passada? A não-deteção dos erros de imprensa, os truques dos mágicos ou, de modo

* Conferência pronunciada na 42ª Reunião Científica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em 19.9.83. (Artigo apresentado à Redação em 26.8.86.)

** Do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. (Endereço do autor: Av. Paes de Barros, 2744, aptº 712 - Mooca - 03.114 - São Paulo, SP.)

mais geral, a lei do fechamento em percepção, leva-nos a "jurar que vimos". No entanto, não vimos mas construímos, não juramos mas perjuramos... E o ingênuo cheirou a flor... de plástico; c) certas vivências são selecionadas para servir como *sinai* de outras vivências. Dentre estes *sinais*, destacam-se as palavras. Os sinais são, portanto, vivências evocadoras de vivências. Por exemplo, as palavras azul, salgado e cólera são vivências pela forma, cor e som de suas letras e evocam as vivências que afirmamos conhecer, isto é, peculiares cor, sabor e estado emocional. Incidentalmente, pode-se perguntar qual é a relação entre o que evocamos e o que realmente ocorreu.

Costuma-se afirmar que aprendemos através de conceitos; ou, mais genericamente, que a comunicação é feita via conceito. Na escola, utiliza-se esta via verbal com bastante frequência. Perguntamos: "O que é *x*?" E a resposta é uma definição que daria o conceito de *x*.

E aqui surgem vários problemas teóricos.

O primeiro deles é o seguinte: Quando se define *x* usam-se outros conceitos. Estes, por sua vez, para serem definidos necessitam de outros, e assim por diante. Como é, então, possível entender a definição de *x*? Onde se deve parar? Onde está a fonte? Outro problema deriva da própria pergunta: "O que é conceito?", que redundando no seguinte: "Qual é o conceito de conceito?" Numa linha análoga pode-se perguntar: "O que é significado, isto é, qual o significado de significado?" "Que é definir ou qual é a definição de definição?" "Que é ser, isto é, qual o ser do ser?" Vê-se que não se podem fazer estas perguntas. São pseudoperguntas? Vamos supor que eu não saiba o que seja "entverpe". Posso perguntar: "Qual é a 'entverpe' da 'entverpe'?" "Posso 'entverpar' a 'entverpe'?", etc. "Se não sei o que é conceito, ser, definição, significado e compreensão posso fazer as referidas perguntas?" Ao que nos parece estas são falsas perguntas ou "de mentirinha". Segundo o ponto de vista da vivência que resumimos, a fonte, a base do significado é a vivência que é apenas vivida e que não necessita de definição do mesmo modo que não tem sentido perguntar: "Qual é a cor rosa?" "Qual é o odor do jasmim?", etc. É preciso vivenciá-los. Falando de modo mais geral, o que se deve esperar quando se pergunta: "O que é *x*?" *X* é o que e como estou vivenciando assim como o amargo e o verde são aquilo lá mesmo que vivencio e dos quais não se pode dar definição. Se alguém estiver nadando não adianta definir-lhe o que é água. Água é aquilo mesmo que ele está vivenciando. Dizer que água é H_2O só terá significado em termos de outras vivências não-faláveis ou tais que a elas as palavras nada acrescentam. Responder é evocar o vivido e como vivido é sempre único, o significado é único para cada pessoa, o que é "adrenalinicamente" rejeitado em nome de um preconceito chamado ininteligibilidade do solipsismo. Não há outra saída. Não posso saber como qualquer indivíduo reage aos estímulos. A descoberta do daltonismo deveria fazer-nos refletir sobre isto.

Façamos algumas considerações sobre a pergunta em geral. Quando perguntamos, queremos, geralmente, saber algo de novo. Queremos que venha, por assim dizer, de fora para dentro uma luz, uma informação, etc. Ora, isto não é possível ser feito. De fora, desculpa-se a forma de um aparente realismo ingênuo, somente pode vir um estímulo a ser captado pelo sentido adequado, que é uma condição para uma vivência muito pessoal.

Se quisermos saber algo novo precisamos de uma lição de coisas como nos velhos tempos, anos da infância. Sem a operação do sentido adequado, nenhuma outra via poderá receber um estímulo. A cor, como cor, somente pode ser captada pela vista, não por som de palavras. Um certo odor não existe para o anósmico.

Voltando à pergunta, pode-se dizer que quando pergunto estou dando ordem ao respondedor em potencial, mais ou menos semelhante às seguintes: Evoque, do arsenal das minhas vivências, aquelas que correspondem ao sinal ou vocábulo *x*. Ou: provoque em mim, uma vivência nova, que possa ser descrita com o sinal *x*. Por exemplo, se eu perguntar: "O que é *green*?" Não adiantaria dizer que *green* é verde, se a pessoa não tiver vivência desta cor. Só entendo porque já sei. Se em meu arsenal de vivências não constarem certas vivências não é possível compreender a resposta. Caso não tenha tido a vivência, o docente deve provocá-la no ouvinte.

"A cor solferino é esta", diz o mestre, mostrando-a. Em outras palavras, sem evocação ou sem provocar vivências não é possível responder a este tipo de pergunta. Em suma, não há comunicação, mas evocação de vivências. Se não houver vivência para ser evocada é preciso criá-la, o que não é possível ser feito através da palavra. Pela palavra somente posso ter vivências de certas formas ou cores. É o que ocorre ao ouvirmos, por exemplo, pelo rádio, uma "mensagem" em língua desconhecida. Se, por exemplo, nunca percebi certo odor, não adianta perguntar como é. Somente cheirando-o posso sentir sua peculiaridade. Querer saber através de sinais o que é *x*, é semelhante a perguntar: "Qual é a fisionomia de fulano de tal?" Não é possível comunicar o único. Somente fazendo funcionar a visão do perguntador, mostrando-lhe uma imagem da pessoa ou a própria pessoa será possível satisfazer ao perguntador.

Em resumo, a partir das considerações que fazemos, toda pergunta do tipo "o que é?" é, fundamentalmente, uma pseudopergunta.

A rigor, quando alguém pergunta: "O que é isso?", a resposta é: "Isso é isso mesmo." Para quem nunca viu um animal, de nada adianta dizer, como o faz o dicionário, que o elefante é um proboscídeo da família dos elefântidas...

Perguntar o que é *x*, equivale, portanto, a perguntar: "No lugar de quais vivências está o sinal *x*?" Esta situação é "idêntica" à do inglês que pergunta: "Que ser verde?" Responde-se: "É o mesmo que *green*." Por ele ter a vivência correspondente pode compreender o que vem a ser "verde". Perguntar o que é, é apenas perguntar por uma convenção lingüística: A que coisa nesta cultura se refere a palavra *x*? Poder-se-ia retrucar que quando pergunto, não quero saber qual é a convenção mas o que é realmente a coisa. Ora, esta pergunta não tem sentido. Qualquer coisa é o que estou vivenciando. Aquilo é aquilo mesmo. O vermelho, o odor do cravo, o gato, o coelho, o elefante são aquilo mesmo que estou captando. Seu ser é o seu ser percebido. Não pode ser o não-percebido. O não-percebido é um quadrado redondo. Poderíamos nos perguntar, então, qual é então o papel da escola, ou do ensino em geral. A escola deve propiciar vivências e numa fase posterior evocar e organizar vivências (Organizar, sob o ponto de vista da vivência, é agrupar o *funcionalmente* semelhante, pois, na prática, duas coisas são iguais quando suas diferenças não têm importância). Por isso a grande escola é a vida. E a escola deve basear-se na vida, deve extrair do poço da vida. Ensinar o que não faz parte da vivência é condenar a criança a decorar trechos em língua desconhecida como o fazem vários cantores populares de menor expressão.

Se as perguntas: o que é conceito, ser, definição, significado ou compreender são pseudoperguntas, de onde vem seu poder inquisitivo? Parece, com efeito, que entendemos o que significam.

Quem faz aquela pergunta julga saber o que seja conceito. Por isto faz uma pergunta de "mentirinha" mais ou menos como o avô coruja que pergunta ao netinho: "Onde está o narizinho do vovó?" Ele bem sabe onde tem o nariz. Amplian-

do esta observação pode-se dizer que outras perguntas mais ou menos semelhantes, como: "Qual é a essência, a natureza do x ? "Que é x em si mesmo?", etc. não podem ser respondidas. Somente posso dizer ou descrever como as coisas me parecem, como sou afetado. Fora de ser afetado por, isto é, excetuado ser afetado por, nada me existe. Somente sei minhas vivências. Seria contraditório saber algo que não sei, isto é, algo do qual não tenho vivências. Deduz-se, também, que há saber e saber. Por exemplo, um esquimó pode saber o que é a floresta amazônica pela TV, cinema, revista, etc. Podemos garantir-lhe que sabemos mais do que ele. O botânico mordido pelos pernilongos, machucado pelos espinhos, sentindo os odores e os perigos, os pássaros, feras e frutos, sabe com outro saber. O especialista em reflorestamento de *pinus*, ri-se do saber dito geral do nosso botânico, pois com esta sabedoria nenhum acionista arrisca um centavo.

Usar como critério do domínio do conceito a mera discriminação é apenas o primeiro degrau da escada.

Não sofrem os docentes mais antigos de uma velada angústia, fruto de uma desilusão, almejando, às vezes, por uma aposentadoria libertadora que lhes permitiria, num sítio sossegado, retomar contato com aquela vida da qual os conceitos repetidos à sociedade foram meros fantasmas?

A filosofia clássica diz, na lógica, que a definição é composta de gênero próximo mais diferença específica. Por exemplo: na definição de homem como animal racional, *animal* é o gênero próximo e *racional*, a diferença específica. Na definição de quadrado (quadrilátero de lados e ângulos iguais), quadrilátero é o gênero próximo e a igualdade de lados e ângulos é a diferença específica.

Dito de outro modo, o conceito de algo daria os atributos críticos deste algo. Por exemplo, na definição de quadrado, os termos: quadrilátero, iguais, lados e ângulos seriam os atributos críticos.

Deduzir-se-ia, portanto, que uma escolha criteriosa de características permitiria definir e comunicar ao neófito qualquer conceito. Ora, não é através de perguntas e conceitos que aprendemos alguma coisa. Esta proposição é chocante, mas é a verdade. Note-se em primeiro lugar que falar em atributos ou características é falar em conceitos. Um conceito é, então, um conjunto de conceitos...

Sustentamos que se fosse pelo conceito que deveríamos aprender algo, cairíamos num círculo vicioso e no problema conexo da regressão *ad infinitum*. Vamos supor que alguém não saiba o que seja pentágono. Se se usar apenas a definição, este sujeito nunca o saberá. Cada conceito da definição precisaria ser definido mediante conceitos os quais precisam, por sua vez, ser definidos, aumentando-se assim o número de conceitos indefinidos numa progressão geométrica. Voltemos ao caso da minha crassa ignorância relativamente ao pentágono (com minúscula e, *a fortiori*, com maiúscula). O dicionário, que nunca nos deixa na mão, responde: Pentágono é um polígono de cinco lados.

Vejamos o que é polígono: é uma *região* plana, limitada por uma linha poligonal fechada.

O que é região? Região é igual a *domínio*, diz o dicionário, e *domínio* é um conjunto conexo aberto, que contém pelo menos um ponto, etc.

Nota-se que, até aqui, nem de longe se comunicou o significado do primeiro conceito, o de polígono. Pelo contrário. E isto sem mencionar o esplêndido círculo vicioso da definição de polígono, onde aparece "poligonal".

Na vida de cada um, o caminho para se saber o que a comunidade chama de polígono não foi a definição, mas a ostentação. Mostraram-se, provavelmente, vá-

rios desenhos como triângulos, pentágonos, etc. e o professor pode ter dito: esses são polígonos.

Como estamos longe de qualquer abordagem que afirme que é pela definição que chegamos ao conceito, à essência, etc., conhecemos, não pela razão, mas por uma comunhão "arracional", por uma vivência.

Tente-se definir outra coisa qualquer como, por exemplo, coelho. Para o dicionário, o coelho é um animal mamífero lagomorfo (isto é, que tem forma de lebre) da família dos leporídeos (isto é, das lebres), originário da Europa... O elefante é um proboscídeo (isto é, que tem tromba) da família dos elefântidas... A definição de verde dada pelo dicionário (verde é a cor das árvores do capim, etc.) mostra mais candidamente esta plebéia origem.

Se esperássemos as palavras para saber o que é a vida...

Na realidade, aprendemos por um caminho inverso. Vamos ilustrar com o conceito de árvore. Vamos supor que alguém defina árvore como "um vegetal, de copa redonda, tronco cilíndrico, etc." Quem nunca viu árvore, entenderia esta definição? Quem viu, para que precisa de definição? Quem nunca viu árvore, entenderia o que é vegetal? Vegetal exclui árvore? Alguém poderia dizer que estamos confundindo definição descritiva com definição essencial. Isto coloca um difícil problema que nem vamos tratar aqui mas que implica admitir que se possa conhecer algo que não se pode conhecer, a essência. Esta essência seria ou algo captável pelos sentidos ou nada seria para nós. Algo não-captável é tão alguma coisa quanto um círculo quadrado.

Além disso, se quisermos explicar os termos da definição veremos que não é por definição que os aprendemos, mas por exposição ao mundo. Tente definir, por exemplo, cilíndrico sem referência a troncos de árvores, canos, etc., isto é, sem referência a vivências.

Se não for por meio de palavras que se vem a saber algo, qual é, então, seu papel, visto que as palavras são efetivamente usadas?

Se um conceito não é um conjunto de atributos críticos, afinal, para que servem definições? Boa pergunta. Para que servem? Se a definição desse, como afirma a filosofia, a essência, isto é, o mais importante, ela seria de utilidade na vida. Ora, pense-se bem para que serve, na prática, uma definição? Que providência prática pode ser tomada por uma definição? Todos os problemas derivam do enfrentamento do *único*. Todo administrador, todo professor, todo chefe, todo pai sabe disso. Com a definição de carro nada se constrói. A tal ponto, o *único* é o problema que ele leva ao desespero e é abandonado, quando isto é possível. Tente um pai desconsiderar a unicidade de seus filhos...

O administrador da empresa não pode saber o comportamento deste parafuso que vai no Rolls Royce do rei. Não vai testá-lo, pois isto equivaleria a testar o palito de fósforo ou o sabor da maçã que vai ser servida a Sua Majestade.

Não há solução para a angústia do único. Sempre nos aproximamos do único com angústia.

As palavras servem para evocar vivências. Nada ensinam. Quando se pensa ter aprendido, cuidado com esses "conhecimentos". São necessários quase 40 anos de vida e estudo para dar o sentido mais aproximado da "realidade" a uma frase que um guri de oito anos pensa compreender como a seguinte: "O raio x provoca câncer." Quantos anos de pacientes estudos e pesquisas para saber o que é cada um dos três sinais mais importantes desta frase: raio x , causar e câncer? O que é que realmente entendemos da maior parte de tudo o que lemos e falamos? No teste do agir, pouco sabemos. Conheço paulista cinquentão que não pergunta

onde fica a rua x, muito "conhecida", apenas para não passar vergonha... E a visita se cansa... Ele pensava que conhecia São Paulo...

Pensamos saber algo até encontramos um especialista em alguma província deste mundo de Deus que nos diga: "Não é bem assim..."

Especializar-se é distinguir, é diferenciar, é embarcar em direção ao único, ao singular, ao inefável. Como, no entanto, esta tarefa é angustiante e teoricamente poderia levar à inação e à desorientação em face do mundo, temos que fazer de conta que o único é igual a outros. Na prática, este fingimento é usado com maior ou menor frequência, conforme a importância das conseqüências. "Tudo é bebê, chora a recém-mamãe, mas quero o meu bebê."

A inefabilidade do único é o que, talvez, dê o verdadeiro, o profundo significado do dito filosófico: "Tudo o que sei é que nada sei."

Abstract

Starting from an epistemological point of view developed by the author (which stresses that an analysis of meaning and/or knowledge leads to the protophenomenon of awareness or inner experiences such as those related to colors, odors or emotional states) several issues related to concepts are analysed: a) the question: "What is a concept?" is a pseudoquestion since it is equivalent to "What is the concept of concept?"; b) concepts being defined by other concepts there is a *regressio ad infinitum*; thus, c) learning is not arrived at via concepts or definitions but *via* adequate awarenesses, otherwise we could teach colors to blind people; d) most of the time we rather evocate awarenesses than communicate them.